

O INÍCIO DA LITOGRAFIA NO BRASIL

Antonio Grosso

Este trabalho é uma coletânea de informações de caráter histórico sobre a litografia, a partir de sua invenção, chegada e instalação no Brasil.

Aloys Senefelder (1771-1834), nascido em Praga, advogado por formação, laureado pela Escola de Munique, inventou a litografia. Desinteressando-se pela carreira que deu lugar a uma antiga paixão, o teatro, pretendia Senefelder não só compor suas peças, sonetos e músicas, como interpretá-los. Chegou a ser representado sem nenhum sucesso. O teatro recusava suas peças e os editores tomavam a mesma atitude. Com a preocupação de que sua obra não se perdesse, foi aprender a gravar em cobre para poder imprimir. Por falta de dinheiro se viu obrigado a reutilizar a mesma placa de cobre para uma nova gravação. Vários artistas e artesãos já haviam tentado utilizar a pedra em lugar da placa de cobre sem contudo obter bom resultado. Senefelder, seguindo o mesmo princípio imaginou também experimentar e assim o fez. Viajou para outra região em busca do material adequado, as pedras que eram extraídas em Solenhofen ou Kilhaime, próximo a Munique. Conseguindo as pedras, Senefelder poliu-as do mesmo modo como se fôssem fazer uma água-forte numa placa de cobre. Precisando fazer um rol de roupas e não encontrando um pedaço de papel, resolveu escrever na superfície da pedra que havia polido para suas experiências. Havia se servido de uma tinta que já estava preparada com cêra, negro de fumo e sabão. Curioso, achou que seria interessante ver como haviam ficado as letras do rol que acabara de escrever. Pensou em entintá-las como se procede com uma placa de madeira para tirar prova. Com sua experiência de gravador, misturou uma quantidade de ácido com água e fez uma

cercadura para que o mordente não escapasse e durante alguns minutos submeteu a pedra a essa mistura. Observou então que as letras haviam ganho alguma altura. Como as letras haviam sido escritas com uma certa densidade, Senefelder sabia que o ácido não poderia destruí-las facilmente. Em seguida com um tampão e tinta feito de negro de fumo e óleo de linhaça espesso, começou a entintar, no que não foi bem sucedido porque a tinta agarrava nas letras mas também nos intervalos das linhas. Compreendeu então que a tinta deveria ser mais reduzida e o tampão mais rígido. Feito isso a sujeira entre as linhas desapareceram e Senefelder tirou a prova e foi bem sucedido afinal. Desta bem sucedida experiência houve um desencadear de idéias, resultando a técnica e o nome de litografia.

Em 1796, Senefelder funda em Munique, com a ajuda de Clichiner, um atelier. No dia 18 de julho de 1801 é concedido a Senefelder o direito de patente pelo escritório de patentes em Londres, baseado no processo por ele descrito.

Em Paris montou oficina com seu sobrinho Knecht, formando alguns alunos. Deste atelier saiu o importante litógrafo Steinmann que veio para o Brasil. Em 8 de julho de 1825 assinava-se o contrato por cinco anos entre o executor brasileiro Borges de Barros e "le Sir John Steinmann", começando a vigorar em primeiro de outubro (cf. Costa Ferreira).

Em primeiro de outubro chega ao Brasil, Johann Jacob Steinmann, trazendo consigo os seguintes materiais: uma prensa grande, uma portátil, uma caixa com 76 folhas de zinco, dois caixilhos de ferro, quatro rolos, três peneiras, duas pedras mármores, papel, tinta, água-forte, etc. (cf. Marques dos Santos) Foi também Marques dos Santos quem trouxe a público o nome de Arnaud Juliën Pallière como o nosso primeiro litógrafo, informando também uma lista de impressos litográficos, anteriores a Steirmann. Arnaud Julien Pallière (1783-1862), nasceu em Bordeus, França. Esteve em Portugal em 1816 e veio para o Brasil em 1817. Conta ainda em seu artigo "Dois artistas franceses no Rio de Janeiro", que visitando um antiquário no Rio de Janeiro, havia encontrado dentro de um livro de estampas francesas uma carta datada de 1926 endereçada ao dono do mesmo, na qual era oferecida a venda de um álbum com trabalhos de Pallière, que havia sido

adquirido pelo missivista Anatole Collot em Bordeus. Esse senhor residira no Rio de Janeiro por muitos anos. Supunha o Sr. Collot ser o álbum interessante por se acharem nele contidas as primeiras gravuras (talho doce) e litografias, executadas no Brasil, ao mesmo tempo em que se iniciava na Europa o desenvolvimento dessa técnica. Dessa lista de vinte peças entre desenhos, gravuras, litografias, etc. podemos citar:

1. *Portrait en Crayon de D. Pedro I.*- Esse retrato era um esboço para ser transportado para litografia.

2. Litografia de D. Pedro I, obtida do retrato acima, desenhada na pedra, pois está invertida.

3. Outra litografia desse mesmo retrato de D. Pedro I.

4. Uma grande litografia (*épreuve d'état*) vista do Convento dos Barbonios (sic) de Sta.Teresa, assinada a mão, do lado esquerdo: “Lithographia Rua dos Barbonios” e do direito: “A.J.P.” S.D. Reproduzida e descrita por Gilberto Ferrez, como uma prova litográfica da Rua dos Barbonios (As cidades de Salvador e do Rio de Janeiro no Século XVIII - Álbum Iconográfico Comemorativo do Bicentenário da Transfêrencia da Sede do Governo do Brasil) e “foi executada em 1818” (cf. *A Muito Leal e Heróica Cidade do Rio de Janeiro* editado por R. O. de Castro Maia e outros, 1965).

5. Gravura de São Sebastião, tendo em volta vistas do Rio de Janeiro, datada e assinada na parte interna de uma orla decorativa, litograficamente: à esquerda “*Pallière invent.*” e à direita “Rio de Janeiro 1818”, e abaixo da orla o endereço “Largo do Rocío n. 17”. Vendo-se ao fundo parte da Baía de Guanabara e servindo como frontispício um raríssimo ofício de São Sebastião.

6. Litografia de uma grande medalha com efígie de D. Pedro I, datada de primeiro de abril de 1822.

Nesse mesmo ano viaja a Minas e São Paulo com a finalidade de desenhar as paisagens do interior.

Após a introdução da litografia muitos impressores e firmas litográficas aqui se instalaram. Entre outros, tiveram importância para o desenvolvimento desta técnica no Brasil os que citamos a seguir.

Arquivo Militar / 1824

Exercia o cargo de Diretor do Arquivo o brigadeiro Joaquim Norberto Xavier de Brito, que sugeriu ao brigadeiro Ministro da Guerra, Joao Vieira Carvalho, a substituição da gravura em cobre e aço pela aquisição de uma litografia e contratação de um artista perito para esse serviço.

Em 1826 por sugestão de Johann Jacob Steinmann a oficina do Arquivo foi montada em sua própria residência à Rua da Ajuda n. 118, esquina do Beco Manuel de Carvalho n. 2. Seus primeiros alunos foram os soldados alemães Wilhelm Níedegessas e K. Mohr e ainda o paisano Antônio Rodrigues de Araujo, com outros soldados da aula de Ensino Mútuo. Em 1827 foram produzidos alguns impressos, a saber:

“Compendio Scientifico para a Mocidade Brasileira”, com cinco das estampas assinadas por Steirunann: Princípios do Corpo Humano, Princípios sobre a Cabeça e suas Partes, Cosmographia, Sistema Tachigráfico e mais duas com titulo de arquitetura naval.

Em 1828 foram impressas quatro estampas para o “Sistema Britânico de Educação” de Joseph Lancaster, segundo Borba de Moraes (cf. Costa Ferreira). Steinmann litografou principalmente mapas para o arquivo militar. Em 1830 com o término de seu contrato, Steinmann abre seu próprio atelier, que constantemente mudava de endereço, e onde produziu muitas outras estampas. Em 1833 Steinmann volta para a Suíça onde monta outra impressora. Steinmann nasceu na Basileia, Suíça (1800 - 1844).

Nota: Segundo Costa Ferreira, foi Steinmann o primeiro litógrafo a usar no Brasil a placa de zinco.

ANTONIO RODRIGUES DE ARAÚJO (?-?)

Foi admitido em 1826 no Arquivo Militar, e o primeiro aluno paisano de Steinmann. Alguns trabalhos executados:

1834 - “Plano da Bahia de Sam Marcos” na entrada do porto (sic) Sam Luiz do Maranhão.

1837 - “Planta da Cidade do Rio de Janeiro”, impressa por Steinmann.

1838 - “Planta do Acampamento de Pirajá’ Itapoan e mais Pontos”

“Planta de São Gonçalo” na Província do Rio Grande do Sul; na mesma folha “Planta da Cidade de Pelotas”.

1843 - “Drypetel Selsifloral” que serviu segundo Costa Ferreira para ilustrar um artigo de Freire Alemão, saído na Minerva Brasiliense, coleção particular.

Em 1888 o Arquivo foi extinto e seu material transferido para a Imprensa Nacional.

JOSÉ VITORINO DOS SANTOS E SOUZA

Professor de Geometria na Academia Militar.

FELISBERTO IGNÁCIO JANUÁRIO CORDEIRO (FALMENO), poeta, produziu em 22 de maio de 1826, três números do “Jornal Científico, Econômico e Literário”, com as capas, folhas de rosto e uma ilustração litografados.

EUGENE HUBERT DE LA MICHELLERIE (1802? - 1875?) Trabalhou nessa época, 1826, na oficina de Steinmann, e produziu as seguintes estampas:

“Planta da Parte Norte da Cidade do Rio de Janeiro”, “A Capital do Brasil”
Planta da Cidade do Rio de Janeiro, esta realizada em 1831.

LUIS ALEIXO BOULANGER

Pintor, desenhista, litógrafo, calígrafo, heraldista, etc. Em 1829 fundou uma oficina litográfica com Caldas Risso, cuja razão social era Boulanger Cia Rísso,

Rua da Ajuda 173. Os primeiros impressos foram duas etiquetas em uma só folha de papel, para as casas B. Wallerstein e Cia. e Pally e Cia. Martel. A primeira vendia tecidos, modas francesas e papéis pintados; a segunda negociava com plantas medicinais, drogas, ácidos, etc. Marques dos Santos reproduziu essas etiquetas. Boulanger desenhou e litografou a Ordem Imperial da Rosa, segundo Estevão Leão Baurroul; e o retrato do príncipe Eugène de Leuchtenberg, segundo Costa Ferreira o primeiro a ser estampado pela oficina, como também o de D. Pedro I (Istanislaw Herstal).

Em 1830 imprimiram a planta da cidade de Alger que foi publicada pela *Révue Brasiliènne*, segundo Hélio Viana.

A oficina se finda aqui, mas Boulanger produziu muitas litografias no decorrer dos anos seguintes.

EDOUARD PHILLIPPE RIVIÈRE (?-?)

Em 12 de agosto de 1826, no “Diário do Rio de Janeiro” anunciava-se como professor de desenho e pintura a óleo e a têmpera, perspectiva e retratista, Rua do Ourives 86.

Em 1832 o Almanak Nacional do Comércio de Seignor Plancher, o registra como litógrafo estabelecido. É desta data a estampa “O Heroe da Independencia” José Bonifácio de Andrada e Silva, dedicado a seus amigos. O desenho original pertenceu a Araujo Porto Alegre e foi litografado por E.R. (Edourad Rivière).

Segundo Lygia Cunha uma série também pertencente a ele: Negro de Ballas, Mineiro, Negra da Roça, Crioulo tocando Marimba e Negra d’Água. Seguiu litografando por muito tempo.

FREDERICO GUILHERME BRIGGS (1813-1870)

Em 1832 associou-se a Rivière, fundando a Rivière Cia. Briggs, Rua do Ouvidor 218.

É desta data a citada estampa de José Bonifácio aquarelada posteriormente. Muitas outras estampas foram impressas por essa oficina. Briggs viaja para Londres buscando mais conhecimentos em litografia junto a firma Day e Cia. Hague. Nesta firma foram impressas as litografias: Folhinha Nacional Brasileira para o ano de 1837 encomendada por um negociante do Rio de Janeiro em quatro folhas, descrito por Lygia Cunha. Retorna ao Brasil em 1837. A firma troca a razão social e continua a produzir até 1906.

JOAQUIM LOPES DE CABRAL TEIVE (1816-1862)

Expõe seus trabalhos como aluno da Imperial Academia de Belas Artes (1829-1830).

Trabalha na oficina de Briggs de 1832 a 1836. Nesse período litografa uma série de estampas sobre costumes do Brasil junto com Briggs e Rivière.

São de sua autoria algumas estampas:

“Não há de casar”, assinado Lopes.

“Quitandeira do Largo da Sé”.

“Quitandeira de Verduras” e “O Profeta Boa Ventura”, todas pertencentes à mesma serie (c.f. C.E.H.B.) B.N.

Em 15 de fevereiro de 1840 o Jornal do Comércio anunciava a série “Costumes do Brasil”, projetada para 50 números. Essas estampas saíam duas por semana e subscrevia-se na litografia de Briggs, Rua do Ouvidor n. 130.

N. 1 “Guarida Nacional de Caçadores” e n. 50 “Pedindo para o Espirito Santo”.

As estampas a partir do n. 29 foram impressas em 1841. De acordo com Lygia Cunha existem três desses álbuns em mãos de colecionadores. (J.F.Almeida Prado, Moacir Briggs e Gilberto Ferrez)

Em 1849 registra sua oficina própria e em 1862 falece no Rio de Janeiro.

OFICINA DE FRANCISCO DE PAULA BRITO (1809 - 1861)

Em 1824 inicia a trabalhar como aprendiz de arte gráfica nas empresas

Imperial e Nacional passando em seguida para a de R. Ogier e mais tarde a de Seignor Plancher.

Em 1852 O Jornal do Comércio anunciava que Paula Brito teria montada em poucos dias sua litografia e estampanaria por ter recebido de Paris, não só as máquinas para este fim como as de aparar e acetinar, etc. A parte litográfica ficou instalada na Praça da Constituição n. 66.

Em 1853 contrata Louis Therier, litógrafo francês especialista em cromolitografias, o que possibilitou a impressão de figurinos em cores em suas oficinas segundo Enuncie Gondim. “Simão Heroe do Vapor Brasileiro Pernambucana”, litografado por Therier, sem data, possivelmente (1853 - 1856)

Em 17 de dezembro de 1855, no Correio Mercantil nota transcrita pela “Marmota Fluminense do dia 21: da oficina do Sr. Paula Brito acaba de sair a luz um trabalho impresso em tintas graduadas representando o estabelecimento de iluminação à gás ... Os Srs. Byranyi e Kornis, hábeis daguerreotipistas tinham sido encarregados de tirar uma vista daquele estabelecimento, porém não conseguiram fazê-lo, senão dividindo o seu painel em três partes, em consequência da expansão do edifício. Foi então encarregado desse trabalho o Sr. Therier, litógrafo da oficina do Sr. Paula Brito, que reuniu o desenho em uma só pedra sobre a qual foram impressas as cores de todos os detalhes que compõem o quadro ... O pincel não pode realizar tão felizmente o esbatimento das cores umas nas outras; o processo que na tecnologia tem o nome de “tintas graduadas” difere da cromolitografia já que se dá todas as cores na pedra e imprime-se tudo de uma só vez, ao passo que na cromolitografia cada cor é impressa por vez. (ef. Costa Ferreira).

A firma continua imprimindo cartões, faturas comerciais, cromolitografia, etc. A empresa “Dous de Dezembro” é liquidado. Os estabelecimentos vendidos. A litografia passa a pertencer a Louís Therier, segundo Costa Ferreira. Em 1861 falece Paula Brito.

OFICINA DE HEATON E RENSBURG

George Mathias Heaton (1804 - após 1855), era inglês, pintor e litógrafo. Chegou ao Brasil em 1839 com seu futuro sócio Rensburg desembarcando na cidade de Campos, vindos de Amsterdam.

Expõe no período de 1847 - 50 como pintor, na Imperial Academia de Belas Artes, sendo de 1847 o quadro “Vista das Ruínas do Corredor da Igreja dos Jesuítas no Morro do Castelo”. Em 1854 já não se encontrava mais associado a Rensburg.

Eduard Rensburg (1817-1898), era holandês, desenhista e litógrafo. Chegou ao Brasil em 1839. Expõe uma gravura no Salão da Academia. A técnica usada na feitura desta imagem foi “gravura em pedra”, que tem a aparência de uma água-forte. Damos a seguir uma série de informações sobre a Oficina que consideramos uma das melhores à época. Em 1840 o *Jornal do Comércio* anunciava a Heaton & Rensburg como firma estabelecida a Rua do Hospício n. 103, esquina do Beco do Fisco, onde se encarregavam de imprimir todas as obras litográficas e também vendiam material para litografia, como tintas, pedras, lápis, etc. Em setembro deste mesmo ano já haviam mudado para a Rua do Ouvidor n. 35. Foi aberta inscrição para a estampa “Vista de Campos dos Goitacazes, desenhada, litografada e publicada pela firma e que saiu em 4 de dezembro; e mais Retrato de D. Pedro II, saído a 17 de outubro que se vendia a 4\$000, em papel branco e por 5\$000 em papel china. Imprimem ainda outras litografias. Em 1842 publicam os primeiros fascículos de uma série denominada “Rio de Janeiro Pitoresco”. Em 1843 litografam a estampa dos beija-flores, desenhada na pedra pelo médico Jean Theodore Descortilz, que foi publicada na *Minerva Brasiliense*. Em 1844 publicam as seguintes estampas: “O Desembarque da Imperatriz Tereza Cristina” e o retrato do tenente general “Soares de Andrea” (o.c. Costa Ferreira), e outros.

Em 1845 imprimem várias das 50 estampas para a revista “Ostensor Brasileiro”. Em 1846 são impressas as estampas de Auguste Moreau para os “Mistérios da Família”, publicados por J. V. Martins em a “Nova Minerva” (o.c.

Costa Ferreira) No ano seguinte imprimem as dezesseis pequenas estampas para a edição brasileira dos quadros históricos de Portugal, copiados por Luso Guimarães. No período de 1850 e 1851 imprimem Retratos.

No ano de 1854 a firma muda sua razão social para RENSBURG: Lithographia Imperial Rensburg. Imprimem neste ano e no seguinte as estampas para o Jornal Ilustração Brasileira. No número de janeiro de 1855, página 12, Rensburg comenta o processo que denominou de transfolhagem (anastático) esclarecendo que a invenção já havia sido experimentada com êxito na Europa há muitos anos. Em 1859 imprime a coleção de desenhos das figuras de detalhes que designam os diferentes uniformes para todos os corpos do exército. A oficina é premiada com a medalha de cobre na “Exposição Nacional”, em 1861. Em 1862 monta a tipografia do Bazar Volante, com estampas de J. Mill. No ano de 1867 surge “O Arlequim” e em 1868 “A Vida Fluminense. Nos anos de 1877 e 1873 não constam mais dos registros.

Além dos já citados não se podem omitir outros nomes de artistas que ajudaram a compor com suas gravuras e seus álbuns, nossa história da litografia, e que faziam parte do cotidiano da comunicação juntamente com a estampa e a tipografia.

Manuel de Araujo Porto Alegre (1806-1879)

Piérre Vietor Larãe - Pedro Víctor Laree (18-?)

Joseph Alfred Martinet (1821 - após 1871) .

Pieter Godofred Bertichen - Pedro Godofredo Bertichen (1796-apos 1864)

Sebastien Auguste Sisson (1824-1898)

Antonio de Pinho Carvalho - A. de Pinho-(? - ?)

Louís Auguste Moreau (1818 1877)

Abrahm Louis Buvelot (1814 1888)

Nota curiosa - com relação a esses dois últimos artistas: numa mesma gravura Moreau executava as figuras e Buvelot as paisagens.

Angelo Agostini (1843 - 1910)

Rafael Mendes de Carvalho

Henrique Fleuiss (1823 - 1882) e Carlos Fleuiss (? - 1878)

Carlos Linde (? - 1873 ...) e muitos outros artistas, gráficos e impressores que igualmente trabalharam aqui no Brasil, sem falar no que vinha impresso de outros países. Podemos ainda efetuar uma breve passagem por alguns estados brasileiros.

Pernambuco

1834? - possivelmente nesta data estabeleceu-se a primeira oficina litográfica à Rua do Fogo, pelo pintor e desenhista André Alves da Fonseca.

Bahia

1845 - Somente nesta data que José Rufino Capinan, montou oficina litográfica.

Rio Grande do Sul

O primeiro ateliê litográfico deste estado foi o de Pomatelli Cia., em 1849 (c.f. Walmir Ayala), seguindo-se outros: Litografia Estrela, Litografia Nacional, Litografia Imperial, etc.

Pará

1876 - 1877 - Possivelmente neste período foi fundada a primeira oficina litográfica paraense, a firma de C. Wiengandt. Depois de ter sido utilizada como

importante processo de impressão comercial e industrial, a litografia no Brasil foi pouco a pouco deixando de ser utilizada, mas persiste até os dias de hoje como meio de expressão de diversos artistas plásticos interessados em suas possibilidades artísticas e pela sua característica de produção múltipla.

Bibliografia

ALMANAK LAEMMERT - 1840 / 1926

AULER, Guilherme. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 jul. 1957.

O IMPERADOR e o Artista. *Tribuna de Petrópolis*, Petrópolis, 1955

BUVELOT o paisagista e retratista. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 2 jul. 1957.

LEÃO, Estevão. A litografia no Brasil, *Revista do IHGB*. São Paulo, v.13, 1908.

BRAGA, Teodoro. *Artistas pintores no Brasil*. São Paulo : LTD., 1942

COSTA, Cassio. O panorama de Briggs. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 3 - 10 nov. 1963.

CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes da. *Lembranças do Brasil (souvenir)*. Rio de Janeiro : Nacional; 1970.

CATÁLOGO da Exposição da Biblioteca Nacional de 1881. In: ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL. Rio de Janeiro,

FERREIRA, Orlando da Costa. *Imagem e letra*. São Paulo: Melhoramentos, EDUSP, 1976.

FREIRE, Laudelino. Um século de pintura: a arte da pintura no Brasil. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v.5, 1917. Congresso de História.

GONDIM, Eunice Ribeiro. *Vida e obra de Paula Brito*. Rio de Janeiro : Brasileira, 1965.

HERSTAL, Stanislaw. *D. Pedro II: estudo iconográfico*. São Paulo : Nacional; Lisboa; s.c.p., 1972. 3v. il.

LIVRO de registro para os estabelecimentos de impressão: gravura e litografia de 1831 a 1891. Rio de Janeiro : Patrimônio do Estado; Divisão de Arquivo, [19..]

QUERINO, Manoel - *A Bahia de outrora*. Salvador : Progresso, 1955.

SANTOS, Francisco Marques dos. A litografia no Rio de Janeiro. *Revista do SPHAN*, n.1, 1937.

DOIS artistas franceses no Rio de Janeiro. *Revista do SPHAN*. Rio de Janeiro, n. 3, 1939.

AS BELAS ARTES no 1º Reinado. *Revista de Estudos Brasileiros*. Rio de Janeiro, v.4, n.11,

1940.

AS BELAS ARTES na 2ª Regência. In: *Revista de Estudos Brasileiros*. Rio de Janeiro, v.9, 1942.

TÁVORA, Araken. *Pedro II através da caricatura*. Rio de Janeiro : MEC; Instituto Nacional do Livro; Bloch, s.d.

VLANNA, Hélio. *Contribuição à história da imprensa brasileira (1812-1869)*. Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1945.

Dados do Autor

Antônio Grosso Professor fundador do curso de litografia da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Rio de Janeiro. Ministrou cursos de litografia em várias instituições de ensino. Restaurador de obras sobre papel. É também autor de diversos artigos e textos sobre litografia.